

A FOLIA DE REIS DE PARACATU DE BAIXO

Luiz Antonio Guerra¹
Paula Pflüger Zanardi²

RESUMO

A Folia de Paracatu de Baixo, há mais de um século, leva a devoção ao Menino Jesus aos lares de comunidades e distritos de Mariana (MG), sendo uma das celebrações religiosas mais importantes da região. Entretanto, em 2015, a comunidade foi soterrada pelo rejeito tóxico do rompimento da barragem de Fundão. Desde então, os folieiros despojados de seu território têm lutado para manter viva a Folia que dá sentido a suas vidas.

*

A Folia de Paracatu de Baixo³ existe há mais de um século, levando a devoção ao Menino Jesus aos lares de comunidades e distritos de Mariana (MG), sendo uma das celebrações religiosas mais importantes da região.

Desde a década de 1950, José Patrocínio de Oliveira assumiu a função de capitão da Folia, ou seja, aquele que puxa o canto das toadas, além de se encarregar da organização e manutenção do grupo de fiéis. Conhecido por seu Zezinho, ou Zé Telheiro, ele nasceu no ano de 1930 em Paracatu de Baixo, subdistrito de Mariana, onde passou toda a sua vida. Zezinho começou a acompanhar os folieiros com nove anos de idade e,

¹ Luiz Antonio Guerra é bacharel em Ciência Política; licenciado, mestre e doutor em Sociologia. Em 2021, obteve o título de doutor em Sociologia, pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese "Mestres de ontem e de hoje: uma sociologia da viola caipira", que foi reconhecida com o Prêmio CAPES de Teses 2022 e o Prêmio Sílvio Romero do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNPFCP-IPHAN). É professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Parintins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5060131949403823>. E-mail: guerra.luizantonio@gmail.com

² Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo IPHAN e bacharela em Ciências Sociais pela UFSC. Atua como assessora técnica aos atingidos e atingidas pelo rompimento da Barragem de Fundão em Mariana (MG) pela Cáritas. Foi consultora UNESCO para a Superintendência do IPHAN no Pará, atuando como gestora de políticas públicas na área do patrimônio imaterial. Realizadora do acervo virtual Cantigas do Jarê (www.cantigasdojare.com.br), e do museu virtual Mariana Território Atingido (www.territorioatingido.com.br). Na produção audiovisual, atua com pesquisa, filmagem e montagem de filmes documentais e etnográficos, baseando-se em metodologia compartilhada com os detentores do patrimônio imaterial. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0421205259737922>. E-mail: paula.zanardi@gmail.com. Audiovisual: <https://bityli.com/EDCIPmZ>

³ Uma versão anterior deste texto compõe o Museu Virtual Mariana Território Atingido e está disponível no endereço: www.territorioatingido.com.br

posteriormente, passou a ser o Capitão do cortejo, guiando o grupo ano após ano. Desde então, a Folia de Paracatu de Baixo tem atraído centenas de devotos e visitado grande número de lares de localidades vizinhas.

Como Capitão, coube a seu Zezinho promover a união e a motivação do grupo, a definição do trajeto da peregrinação, a conformação de todo o ritual festivo-religioso e, sobretudo, a continuidade e a transmissão do conhecimento popular dos saberes para as novas gerações. Ao lado do Capitão, agregou-se um grupo rotativo de aproximadamente quinze folieiros: porta-bandeira, palhaço, cantores e músicos – tocadores de caixa (também chamada de bumba), pandeiro, xique-xique, sanfona, violão e viola. Zezinho tocava a caixa na maioria das vezes e também portava a bandeira, levando-a durante a caminhada.

O cortejo da Folia de Paracatu tradicionalmente ocorre de 26 de dezembro até 6 de janeiro, dia de Santos Reis. A rota perpassa comunidades vizinhas como Monsenhor Horta, Águas Claras, Paracatu de Cima, Pedras, Furquim, Borba e Ponte do Gama.

Por mais de meio século, Seu Zezinho foi liderança reverenciada em toda a região, responsável também pela Festa do Menino Jesus. No mês de junho, ele já começava a organizar o festejo, valendo-se das esmolas da Folia realizada no ciclo natalino anterior. Era no giro do ciclo natalino que seu Zezinho convidava as comunidades vizinhas e outros grupos de folias e congados para a festa de Menino Jesus em setembro⁴ do ano seguinte. Esta festa é realizada desde 1961 e já está consolidada no calendário litúrgico da região. Quando os recursos eram insuficientes, seu Zezinho financiava do próprio bolso os custos restantes.

A festa para o Menino Jesus era realizada em preparação para o giro da Folia e recebia o congado, bandas filarmônicas (como a Sociedade Musical de São Caetano, de Monsenhor Horta) e folieiros de outras comunidades. Naquela celebração, aconteciam danças de fitas, eram instalados brinquedos para crianças e tocava-se música na praça. Igualmente, a Folia de Paracatu de Baixo era convidada a participar dos festejos das comunidades vizinhas, compondo uma série de eventos litúrgicos e fortalecendo as relações de troca entre as comunidades.

O lar de Zezinho abrigava todos os instrumentos musicais e demais objetos sagrados dos folieiros, além de ser o ponto de encontro de onde

⁴ O festejo para o Menino Jesus era realizado em dezembro, no contexto natalino. Contudo, por ser uma época de fortes chuvas na região, a festa foi transferida para setembro, no intuito de garantir a presença dos visitantes.

se iniciava a caminhada e, de maneira mais ampla, se concentrava a sociabilidade do povoado, sendo frequentado por toda a comunidade católica da região.

A estrutura da casa de seu Zezinho em Paracatu de Baixo refletia a centralidade que a Folia tinha na sua vida, bem como a sua própria centralidade nos festejos, que chegavam a receber mais de quinhentas pessoas. O presépio, a bandeira e os instrumentos ficavam expostos na sala principal da sua residência, para visitaçã dos devotos. Aí se encontravam e se alimentavam os envolvidos na preparação do grande almoço da festa, servido a toda comunidade. Anexo à casa, havia um barracão de três cômodos, coberto de telha, onde se guardavam os instrumentos musicais, indumentárias, livros de cânticos, bandeiras, imagens, documentação e registros tanto da Folia, quanto do cemitério local, pelo qual seu Zezinho era responsável. Todas as telhas das construções eram produzidas pelo próprio Zezinho, mestre artífice da construção tradicional, que sabia fazer “todo tipo de coisa”, inclusive o conserto dos instrumentos do grupo.

Entretanto, no final do ano de 2015, a comunidade de Paracatu de Baixo, localizada a 25 km da sede do município de Mariana, foi soterrada pelo rejeito tóxico do rompimento da barragem de Fundão da Samarco, empresa de propriedade das multinacionais Vale e BHP Billiton, duas das mineradoras mais lucrativas do mundo. A residência do patriarca foi totalmente destruída pela lama. Nas palavras de Maria Geralda, filha de Zezinho: “A lama levou a casa de porteira fechada”.

Com a casa, foram-se todos os bens salvaguardados por Zezinho: tanto da Folia – como registros escritos e fotográficos, trajes e instrumentos –, quanto do cemitério – como livros de tombo, certidões de óbito e guias de enterramento, documentos antigos que testemunhavam parte fundamental da história dos moradores de Paracatu.

Dias após a passagem da lama, Zezinho retornou com os filhos à sua comunidade devastada, conseguindo salvar apenas a bandeira do Menino Jesus, intacta, que hoje carregam como um símbolo de sobrevivência e resistência da fé popular. A bandeira foi vista como um milagre anunciando a continuidade da Folia, que, aos poucos, vem sendo reconstruída pelos filhos de seu Zezinho, com auxílio do grupo “Amigos do Menino Jesus”, e parco apoio institucional da Fundação Renova⁵.

⁵ A Fundação Renova é a entidade criada por meio de Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), que representa as empresas-rés (Vale, Samarco e BHP Billiton) na reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão.

Também foi encontrado no meio da lama o mastro da bandeira. Tendo nas celebrações religiosas a motivação da sua vida, Zezinho não esperou a reparação devida pelas empresas-rés, e com recursos próprios comprou toalhas para a igreja, um andor e três arcos para as bandeiras de Menino Jesus, Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida, entre outros itens, que hoje estão sob a guarda de sua filha Maria Geralda. Completamente despojada dos seus recursos materiais, a Folia conseguiu ainda reunir doações para seguir a sua peregrinação, como sanfonas e percussões industriais. Entretanto, alguns instrumentos adquiridos após o rompimento foram novamente perdidos, porque já não havia local adequado para o seu armazenamento. E ainda, a viola, entre outros bens, até hoje não conseguiram reaver.

O desastre-crime fez com que todos os habitantes de Paracatu de Baixo fossem desterritorializados, espalhados por Mariana e seus distritos, com graves consequências para a sociabilidade da comunidade, em especial para a Folia, essencialmente movida pelo sentimento de coletividade. Seu Zezinho passou a viver em uma casa alugada no centro da cidade de Mariana, enquanto aguardava a indenização e reassentamento.

Seu Zezinho faleceu em 2021, com 91 anos, sem ter recuperado completamente os seus bens materiais e sagrados, subitamente espoliado pela consequência nefasta da atividade mineradora na região onde nasceu e viveu toda a sua vida. Atualmente, os filhos de Zezinho, sobretudo Nié, Maria Geralda e Elias, são os responsáveis pela Folia, tendo se comprometido a não deixar a folia acabar, em respeito ao desejo do seu pai que sempre rogou para que dessem continuidade ao festejo.

Instrumentos e indumentárias

Dentre os vários instrumentos musicais que o Sr. Zezinho guardava com muito zelo para o grupo de festeiros tocar todos os anos, havia sanfona, viola, violão, bumba, pandeiro e xique-xique. Quando era preciso, ele mesmo confeccionava os instrumentos e realizava a manutenção.

Zezinho trocava as cordas e tarrachas dos pandeiros, bumbas, violas e violões, além de preparar o couro de boi dos instrumentos percussivos, colocando-o para curtir e amolecer, retirando os pelos e substituindo o couro antigo. Ele também havia inventado outro tipo de bumba, feita de

latão de tinta, que era mais leve, facilitando o giro do grupo por vastas distâncias, e que ecoava desde mais longe, avisando a chegada da Folia. O Capitão da folia também extraía as fibras da piteira⁶ (agave), planta comum na região, para produzir as cordas em sisal, que depois eram tramadas para confeccionar as alças das caixas (bumbas).

FIGURA 1 - Caixa



Foto: Joice Valverde, 2019.

Atualmente, todos os instrumentos da Folia são industriais, uma vez que aqueles de “pau e corda” foram levados pela lama de rejeitos. Com o recente falecimento do patriarca, interrompeu-se também a transmissão dos saberes e fazeres associados à Folia, tais como a produção desses instrumentos.

A Folia possuía seis sanfonas, instrumentos melódicos mais importantes do festejo. Durante o giro, os folieiros sempre levavam duas sanfonas, para substituição, caso ocorresse algum defeito em uma delas. Os instrumentos são enfeitados com fitas coloridas, assim como se ornamenta a bandeira, ainda hoje, com fitas, rendas e flores.

A indumentária do grupo também foi totalmente destruída pela lama, de modo que, atualmente, os folieiros utilizam roupas comuns. O único que atualmente traja indumentária é Zé Nestor, o palhaço da Folia, usando um macacão vermelho com gola amarela e máscara de macaco. Em fotos

⁶ O processo envolve extrair as folhas da piteira, secá-las ao sol, quebrá-las para soltar as fibras. Após lavar para retirar o sumo, com o material já seco, é que se faz as tranças de sisal.

de anos anteriores, notamos outras vestimentas para o palhaço, de cetim amarelo com chita, e máscara artesanal, com chapéu cônico, emulando um animal com a língua de fora.

FIGURAS 2 e 3 - Diferentes máscaras utilizadas pelo palhaço. À esquerda foto por Elias Oliveira, sem data, à direita foto por Wigde Arcângelo na igreja de Paracatu de Baixo, marcada pela lama.



Foto: Joice Valverde, 2019.

Zé Nestor conta que acompanha a Folia desde criança, sendo integrante do grupo há 20 anos. Iniciou tocando caixa, mas logo recebeu a atribuição de ser o palhaço, presença requisitada por seu Zezinho. Uma brincadeira típica é as crianças darem um ovo cru ao palhaço, que, depois de bebê-lo, corre atrás dos meninos e meninas.

Mesmo com vestimenta ordinária, seu Zezinho manteve o uso do chapéu e echarpe vermelha. Após o seu falecimento, os objetos remanescentes e adquiridos foram entregues a Nié, por ocasião da Folia realizada em dezembro de 2021, no interior da igreja de Paracatu de Baixo, em ritual simbólico de transmissão do cargo de Capitão.

Cantos

Nos grupos de folia (companhias, ternos, embaixadas ou bandeiras), é o Capitão que tem a função de conduzir a caminhada (peregrinação ou

giro) dos fiéis, através da qual se reconstrói simbolicamente a busca dos Reis Magos pelo Menino Jesus, distribuindo suas bênçãos durante o ciclo natalino.

É vasto o repertório do grupo de Paracatu de Baixo, executando cerca de 60 músicas. A maioria delas foi criada na própria comunidade, mas por vezes também entoam cantos de outras Folias. A quantidade de músicas cantadas nas paradas depende da esmola ofertada. A Sra. Maria Geralda explica a sequência das cantigas: “a primeira música é cantando como a gente veio fazer uma visita (...), depois a gente canta pedindo a oferta, depois a gente canta uma outra agradecendo, depois despedindo pra ir embora”.

O puxador das músicas era o mestre Zezinho, mas em razão do seu falecimento, os seus filhos Nié e Elias são os responsáveis hoje por “puxar” as músicas, que logo em seguida são respondidas pelos outros integrantes.

Como em outros grupos, os cantos dos folieiros de Paracatu são estruturados de forma a duplicar cada verso antes de entoar o próximo. Essa maneira de cantar permite que os devotos respondam, mesmo sem conhecer a música, como podemos perceber no canto de chegada abaixo:

Nossa bandeira foi chegando
 Nossa bandeira foi chegando
 E ela foi bem recebida
 E ela foi bem recebida
 Eu venho pedir uma esmola
 Eu venho pedir uma esmola
 Para fazer a festa dele
 Para fazer a festa dele

Simples na sua base harmônica, a riqueza musical das Folias encontra-se especialmente “na sobreposição e encaixe de vozes” (RIOS; VIANA, 2015, p. 17), que segue o canto do mestre, muitas vezes improvisado, envolto por uma complexa rede de códigos e símbolos do catolicismo popular.

Como apontado por Rios e Viana, “os grupos de Folia de Reis preservam, há várias gerações, cantos, toadas e batidas com as cores e sabores específicos das localidades em que surgiram e das circunstâncias de sua difusão” (*Ibidem*). Com o significativo incremento dos índices

de alfabetização, tornou-se mais comum que os foliões guardem um caderno com as letras dos hinos e cânticos, como um patrimônio do grupo. Entretanto, os saberes e fazeres essenciais das folias, especialmente o ofício do mestre, só pode ser apreendido pela vivência experienciada entre os foliões. A dinâmica da oralidade (que não se restringe ao falar e ao ouvir, mas abrange as diversas formas de expressões corporais) caracteriza não apenas o aprendizado nas folias, sendo a principal forma de reprodução e prática das manifestações populares.

FIGURA 4 e 5 - A Folia de Paracatu no centro de Mariana.



Foto: Elias Oliveira, sem data.

Assim, não há espaço ou momento institucionalizado, nem uma pessoa especialmente dedicada ao ensino das tradições populares. As folias não são regidas por “práticas deliberadamente organizadas e vertidas para o ensino” (DIAS, 2010, p. 56), mas por “formas próprias de coesão social que são essencialmente produção de sentidos e de saberes” (PESSOA, 2007, p. 63).

Nas folias, e demais folguedos, prevalece o processo informal e natural de transmissão de conhecimento, no qual “as pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não-sabe-e-aprende”, tal como descrito por Carlos Brandão. “Mesmo quando os adultos encorajam e guiam os momentos e situações de aprender de

crianças e adolescentes, são raros os tempos especialmente reservados apenas para o ato de ensinar” (BRANDÃO, 2007, p. 18).

O Futuro da Folia

Das celebrações do catolicismo popular, a mais encontrada atualmente, de norte a sul do Brasil, é a Folia de Reis ou Reisado. As folias são mais comumente dedicadas aos Santos Reis, mas podem homenagear diferentes santidades católicas, como São Sebastião, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora ou Menino Jesus – este é o caso da Folia de Paracatu de Baixo. Disseminadas por todo o país, as folias constituíram-se em uma das mais importantes celebrações do catolicismo nas comunidades rurais brasileiras, assumindo uma ampla diversidade de formas culturais.

Como muitos dos ritos religiosos populares praticados desde o período colonial, as folias sofreram um processo histórico de rejeição e afastamento gradual dos grandes centros urbanos, encontrando refúgio no interior do país, onde passaram a ser integradas às culturas rurais.

Acompanhando as progressivas transformações na estrutura social, tais práticas tradicionais foram recriadas, visando a sobrevivência. Em certas comunidades, lograram resistir frente às novas condições sociais; em outras, desapareceram com a sociabilidade camponesa que lhes infundia sentido. Ressurgiram, entretanto, em outros espaços, acompanhando o movimento demográfico dos migrantes, detentores daqueles saberes, como é o caso da migração forçada dos habitantes de Paracatu de Baixo.

FIGURA 6 e 7 - Nié e Elias dão continuidade à devoção do pai.



Foto: Paula Zanardi, 2021.

Como nas demais folias, a longa jornada natalina da peregrinação dos devotos de Paracatu de Baixo constitui-se em um árduo sacrifício para que seja alcançada a bênção divina ao se renovar todo ano a crença no Menino Jesus. Em condições normais das folias espalhadas pelo país, já não é nada fácil agregar os fiéis, especialmente os mais jovens, perante as exigências materiais de um mundo cada vez mais globalizado.

Nesse sentido, a brusca ruptura ocorrida em Paracatu de Baixo se apresenta como um desafio imenso, porém de superação plausível e primordial, para que os devotos consigam dar continuidade às suas tradições. Com o falecimento do Capitão Zezinho, atualmente a Folia de Paracatu vive um momento crucial para a sua continuidade.

Vale ressaltar que o valor histórico e identitário da Folia de Paracatu de Baixo obteve o reconhecimento do poder público em 2016, ao ser cadastrada no inventário do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG) como patrimônio imaterial mineiro a ser preservado.

Entretanto, parte significativa dos bens da Folia de Paracatu de Baixo ainda não foi recuperada. Entre os instrumentos perdidos, destaca-se a viola, tida como um instrumento sagrado entre os folieiros. A ausência desse instrumento na Folia representa uma enorme perda da sonoridade característica e de todo o simbolismo divino em torno da viola caipira, além de impedir a transmissão dos saberes e técnicas tradicionais da prática da viola às novas gerações. Na perda da viola, consubstancia-se a dramática necessidade de adaptação da Folia, imposta pelas condições tremendamente adversas de desterritorialização, no empenho de garantir a sua sobrevivência, movidos pela força de sua fé.

Apesar de todas as transformações vivenciadas pela Folia após o rompimento, a Festa do Menino Jesus e os giros da Folia continuam a ser realizados em um clima de festa e alegria. O futuro da Folia de Reis de Paracatu de Baixo ainda é incerto, fica a ver como a comunidade dará continuidade aos festejos após o reassentamento. Mas, como nos ensina Alfredo Bosi, "enquanto há e enquanto houver um cotidiano popular e rústico, a tradição se reapresenta e se reelabora, não como uma reprodução compulsiva do passado, mas como respostas às carências sofridas pela comunidade" (BOSI, 1993, p. 19).

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Mestre Xidieh. In: XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas populares**. Introdução. Belo Horizonte Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção Primeiros Passos; 20. 49ª reimpr. da 1. ed.

CÉSARI, Carolini. **Folia de Reis - Paracatu de Baixo**. Minas Gerais, Estilo Nacional; Fundação Renova, sem data.

DIAS, Saulo Sandro Alves. **O processo de escolarização da viola caipira: novos violeiros (in)ventano moda e identidades**. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo.

GUERRA, Luiz Antonio. **Mestres de ontem e de hoje: uma sociologia da viola caipira**. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo.

IEPHA. **Dossiê para registro das Folias de Minas do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2016.

IEPHA. **Dossiê para registro dos saberes, linguagens e expressões musicais da viola em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2018.

PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de caixa e viola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. **Toadas de Santos Reis em Inhumas, Goiás: tradição, circulação e criação individual**. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.